

A historiografia portuguesa dedicada à arquitectura produzida em Portugal durante o período moderno, entre 1930 e 1974¹, tem de forma persistente evocado a presença de uma influência brasileira a partir de 1948, data da organização do primeiro Congresso Nacional de Arquitectura no país². Sergio Fernandez, José Manuel Fernandes, Pedro Vieira de Almeida, Ana Tostões, João Vieira Caldas ou Jorge Figueira estão entre os autores que fazem esta leitura, apoiados, naturalmente, nas obras realizadas e nos depoimentos dos arquitectos que promoveram esse ciclo de irradiação. Uma série de testemunhos – escritos e materiais – provam que existia uma consciência, ao tempo, da importância da arquitectura do Brasil.

*

Neste panorama, *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652-1942*, o catálogo da exposição montada no MoMA, em Nova Iorque, entre 13

1. A cronologia não está completamente fechada. 1925 é a data “convencionada” do projecto do Capitólio Music Hall (Cristino da Silva, Lisboa), considerado o primeiro edifício português de ruptura com a configuração *beaux-arts*, cujos desenhos conhecidos são na verdade de 1929. 1974 é a data da Revolução de Abril. A historiadora Ana Tostões sugere o período de 1920 a 1970 (Tostões, 2004: 11-12). Prefere-se aqui manter o alinhamento anterior seguido por Sergio Fernandez (Fernandez, 1988). Como panorama de referência, admitem-se três ciclos modernos: o primeiro de abertura, com início entre 1925 e 1930; o segundo após 1948 (I Congresso Nacional de Arquitectura); o terceiro que arranca com o Inquérito à Arquitectura Popular, depois de 1955, fixando-se definitivamente em 1961.

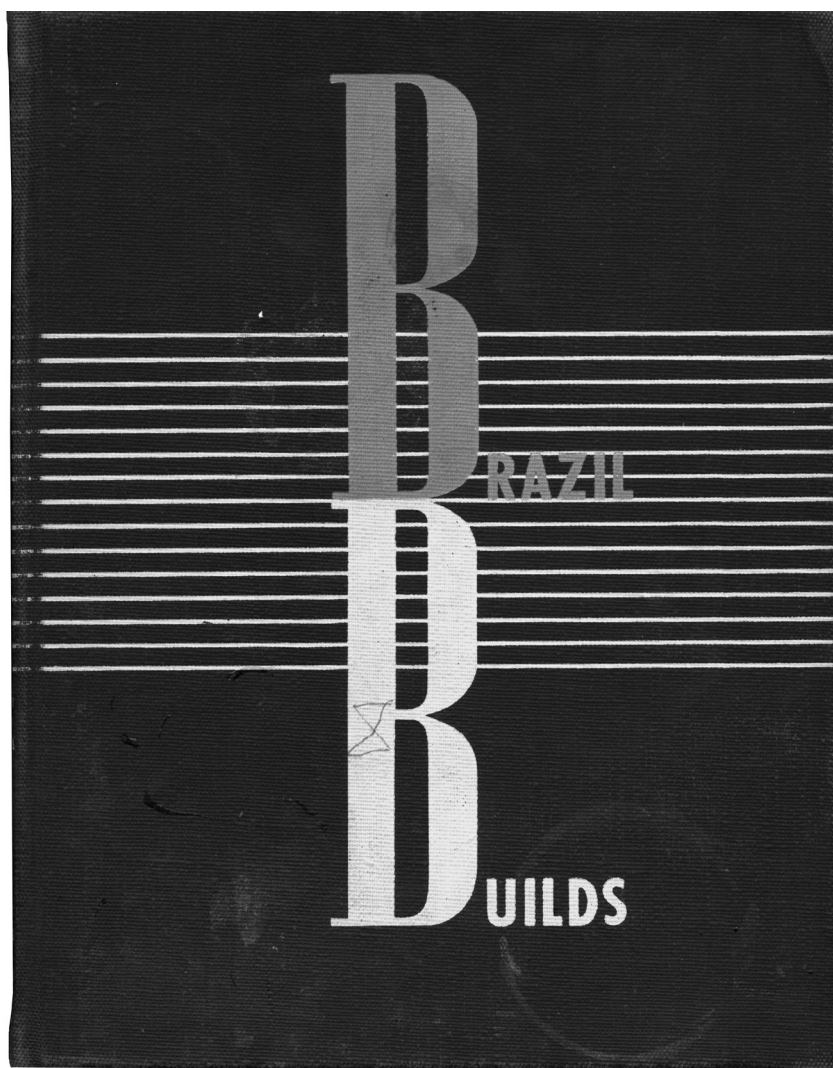
2. O primeiro Congresso Nacional de Arquitectura realizou-se em Lisboa entre 28 de Maio e 4 de Junho de 1948.

de Janeiro e 28 de Fevereiro de 1943, com texto de Philip Goodwin e fotografias de Kidder Smith, é peça fundamental. A sua repercussão internacional, enquanto foco determinante na divulgação da cultura arquitectónica brasileira moderna (Deckker, 2001: 127), é condição igualmente sentida em Portugal. Surge no círculo profissional, muito provavelmente, através do jovem arquitecto Nuno Teotónio Pereira (n. 1922), que dele tem conhecimento cerca de 1945³. Rapidamente adquire notoriedade entre os portugueses. Fernando Távora (1923-2005) evoca o seu sentido instrumental ao sugerir que é usado como “cartilha” (Fernandez, 1985: 57). Já Maurício de Vasconcellos (1925-1977), o único português com experiência profissional no Brasil, no início da década de 1950, onde estagia com João Vilanova Artigas e com Sérgio Bernardes (Vasconcellos, 1962: 6), evoca-o como “o nosso segundo Vignola” (Fernandez, 1985: 57). A circunstância vivida por Vasconcellos é bastante invulgar, já que neste período a maioria dos portugueses não se desloca ao Brasil, como esclarece o testemunho posterior de Nuno Teotónio Pereira. O facto reforça a centralidade de *Brazil Builds*: “Como as viagens não eram fáceis, era a primeira vez que os arquitectos portugueses tomavam conhecimento do riquíssimo acervo do Brasil colonial e imperial e ao mesmo tempo do surto extraordinário que conheceu o Movimento Moderno neste país” (Pereira, 1996: 303).

*

Quando visita o Brasil em 1980, Teotónio Pereira percorre as “cidades históricas” e privilegia a procura das marcas coloniais, em detrimento da arquitectura moderna. Nos seus vários depoimentos sobre *Brazil Builds* e a influência da moderna produção brasileira, destaca com frequência a paridade com que são tratadas a arquitectura do passado e a arquitectura do seu tempo. Esta particularidade terá surpreendido bastante os portugueses.

3. “Um tio meu, que foi governador-geral de Moçambique durante a Segunda Guerra Mundial – José Tristão de Bettencourt –, numa das suas viagens à África do Sul, viu o livro numa livraria, comprou-o e mandou-mo” (Pereira, 10/02/2006).



Philip Goodwin e Kidder Smith, *Brazil Builds – Architecture New And Old 1652-1942*, 1943



Arquitectura Popular em Portugal, Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, volume 1

Normalmente, os livros e revistas que nós recebíamos com arquitectura moderna não ligavam nenhuma às arquitecturas do passado. Eram realidades opostas. Brazil Builds desmente isso: na mesma publicação, na mesma exposição do MoMA, aparecem essas duas realidades. Isso foi de facto uma surpresa e mostrou que o que é importante em arquitectura é a autenticidade, a consonância com o tempo (Pereira, 10/02/2006).

No contexto da historiografia portuguesa, é igualmente possível apontar o momento em que essa influência decresce e que acerta com o período de construção de Brasília. Corresponde, simultaneamente, à realização do inquérito à arquitectura regional, depois publicado como *Arquitectura Popular em Portugal*. O projecto arranca em 1955. Constituem-se seis equipas de três elementos cada, arquitectos e tirocinantes, e dá-se início aos trabalhos de campo. O levantamento será circunscrito ao território continental, dividido também em seis regiões, não necessariamente coincidindo com os limites administrativos do país – Minho, Trás-os-Montes, Beiras, Estremadura, Alentejo e Algarve –, terminando em 1961 com a publicação dos resultados em livro. Durante este período, a consciência crítica portuguesa migra da adesão ao Movimento Moderno – que resulta das conclusões do Congresso de 1948 – para os discursos “revisionistas”, que buscam “integrar a «tradição» e a «modernidade»” (Figueira, 2006: 180). Os arquitectos portugueses começam a seguir as polémicas internacionais, como as que envolvem Ernesto Nathan Rogers e Reyner Banham (Portas, 1959: 54); traduzem os artigos de Alvar Aalto⁴ ou do próprio Rogers⁵; observam a crescente importância da crítica italiana e de Bruno Zevi. E, de modo sintomático, cresce o tom lacónico dos comentários que, na época, se ocupam da arquitectura brasileira,

4. Tradução e publicação de “A Humanização da Arquitectura”, texto de Alvar Aalto de 1940, dez anos depois da sua versão original, ou de “O Ovo de Peixe e o Salmão”, que Rogers publicara na italiana *Domus* [“Arquitectura”, n.º 46, Fevereiro 1953, pp. 15-16].

5. Em 1961, publica-se no Porto “A Arquitectura Moderna depois da Geração dos Meitres”, de 1958 (Martins in Tostões, 2004: 166).